



PALESTRA AMENA

Tretas

Na verdade vos dizemos que não somos amadores de touradas, *aficionados* como dizem os hespanhoes e o nosso *Zé Jaleco*, mas apesar disso tivemos no ultimo domingo um intenso desejo de assistirmos á corrida do Campo Pequeno. Era um capricho como outro qualquer e não vem para aqui o discutir se era capricho razoavel ou não. O caso é que pelas dezaseis horas nos dirigimos ao Rocio, na intenção de nos metermos n'um carro elétrico para o dito Campo Pequeno, certos de que lugar não nos faltaria porque, com a espantosa carestia da vida actual, calculamos que não iriam á tourada senão poucas dezenas de pessoas. Chegámos, pois, ao Rocio ás dezaseis horas e somos a declarar que até ás dezasete não vimos passar senão carros á cunha, que soffremos encontrão de meia noite e que não conseguimos penetrar em nenhum d'elles, peçados até nas plataformas. Pelas dezasete e meia passou um eléctrico com um lugar vago mas já era tarde e resolvemos trocar a tourada pelo Jardim Zoologico.

E eis-nos a pretender entrar n'um carro para o Jardim. Vãos esforços! Seis, sete, oito carros passaram cheios como um ovo, até que desistimos e, para aproveitar o resto da tarde, decidimos ir até Cacilhas, n'um dos vapores da carreira. Comprámos bilhete na estação do Caes do Sodré e entrámos na ponte, onde de roldão milhares de pessoas se acotovelavam para entrar ao mesmo tempo no vapor; a prudencia mais elementar mandava que desistissemos da viagem fluvial.

De aí a pouco era a hora dos teatros e como tivéssemos poupado o que tencionavamos gastar na tourada, eis-nos na intenção de gosar uma teatrada. Mais uma vez, porém, os fados nos foram adversos; ás bilheteiras de tres teatros acudimos e a resposta do camaroteiro foi a mesma:—Não ha bilhetes na casa. Efétivamente todos os teatros tinham enchentes.

E então pensámos se seria uma formidavel treta esta historia de se dizer que estamos em guerra com a Alemanha, mais a de afirmar que as subsistencias custam tres ou quatro vezes mais do que ha tres anos, mais esta cantiga de se apregoar que um fato custa cem mil réis, um par de botas vinte...

Deve ser treta, evidentemente, ou então um sonho mau, de que em breve acordaremos estremunhados para fecharmos em seguida os olhos outra vez e fazer como o macaco que caiu inesperadamente n'um pe'ço: ir para o fundo com resignação e doçura.

J. Neutral.

CORRESPONDENCIA

A. S. Moreira.—Vamos perguntar ao Stuart Carvalhaes, que é o pae do *Manecas*. E' capaz de ter engeitado os outros filhos, o marotol

A crise das subsistencias

Sempre julgámos isto porque a fé não nos desampara nunca: tarde ou cedo havia de aparecer alguém que resolvesse satisfatoriamente a crise das subsistencias. E apareceu.

O illustre escritor dr. João de Barros annunciou que partia para o Brazil. Seguiu-se a natural comocão dos seus amigos, sentiu-se a saudade respétiva temperada com a satisfação da boa fi-



gura que vamos fazer, entregue o nome português a tão excelente representante, e logo veio a ideia d'um almoço de homenagem e de despedida. João de Barros papou o almoço, meteu-se no comboio, foi até Vigo afim de embarcar para a America e no primeiro comboio regressava a Lisboa onde foi recebido com o jubilo natural de quem torna a ver uma pessoa simpatica e prestigiosa.

Tudo está muito bem, mas aqui o que se aproveitou, afinal, ou antes o que João de Barros aproveitou foi o almoço. De onde está descoberto o meio de qualquer de nós que se veja em apertos pela carestia dos generos encher, apesar d'isso, a barriguinha, sem recorrer ao triste expediente da caridade: annuncia que vai ao estrangeiro e volta para traz.

Vamos experimentar, mas podemos desde já afirmar o bom exito da operação. Quem é que nos recusa um almoço se supuzer que por tão pouco está livre de nós por uns mezes?

Os visitantes

Desde que os srs. ministros se transformaram em srs. secretarios de Estado, andam numa roda viva de visitas. Vai uma pessoa ao Ministerio:

—O sr. secretario de Estado de tal?



—Não está. Foi a Chão de Maçãs visitar uma estancia de madeiras.

N'outro ministerio:

—O sr. secretario de Estado?

—Partiu esta manhã para Carrapatos de Cima, de visita a uma fabrica de botões.

Na secretaria da Agricultura:

—O sr. secretario não está?
—Foi visitar as Matas da Abrunheira.
O do Comercio:
—Foi agora mesmo visitar os Armazens de Roupas de Sarilhos Pequenos.
O das Subsistencias:
—Não está. Foi de visita aos arrozais de Pantana de Baixo.

E' claro que para conhecer das necessidades do paiz não ha nada como visita-lo. No entanto, este deslocamento continuo dos srs. secretarios de Estado, se demonstra superioridade em relação aos antigos ministros, que se julgavam arrogantemente inamoviveis, não deixa de ter alguns inconvenientes para quem precisa de tratar de negocios com eles e não lhes pode ir pna euçada.

Pelo que, salvo melhor opinião, propomos que pelo paiz se estabeleçam secretarios-sucursais, que comuniquem as necessidades ao secretario central, porque Lisboa tambem é gente.

Enorme atividade

Entre politicos.

—Afinal de contas aquele Xavier Esteves é um homem de ação!



—Upa! upa! De trinta e tres mil ações!

DE FORA

Quadras

I

Viraste o rosto gentil
Mal me viste aparecer;
Pois olha que é de perfil
Que mais gosto de te ver.

II

O nome da minha bela
Nunca me predispoz bem.
Se já tive uma cadela
Com o nome que ela tem...

III

—Quem desdenha quer comprar,
Disseste, de olhar severo.
O' filha, vai socegar
Que nem de graça te quero!

IV

Se afagas o meu Manfredo
Logo o animal se enfurece.
Quando um cão de ti tem medo
Que fará quem te conhece!

BRAMÃO DE ALMEIDA.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida amétade du mè curassão.

Istimo que estas duas regras te vão incuntrar de felis saude i mal á ubrigassão ca minha ó fazer d'esta é vò grassão a deus i á subvínssão ca panhei de tres tões pur mez. Cum respeito a triatadas cempre te digo que istou na mesma inpenião de não levar este ano cumpanhia para u noço triatio de Peras Ruiças porque cigundo li nus priódicos vão aim arrepersintar tres cumpanhias du ginaso, seis du S. Luiz, quinze du Nassional, sete du Apolo, dez du Eden, etc. i u mais nutavle é que aindas ficam cumpanhias in Lisboa in cage toudos estes triatos!

Préguasme cal é a ulema nuvidade triatal? E' a *Selada ruça* du Pauliteama d'aqui, pur cinal cus otorez te carregaram munto na pimenta i alguma coisa nu vinagre. In toudo u caso us tres, Arnesto Rudrigues, Feliz Bramudes e João Vastos—dêem cá um abraço, ó rapazes! ção uns alhos prós timperos, mas canto a mim estas especies de celadas ce ce querem timpradas pur çabios queremse mixidas



pur doidos i subretudo pur doilas: ora cumo tem çó duas doidas, a Satanela i a Filumena é pouco para cumidas tão fortes; homes lá tem mais alguns, cumo pur inzemplo u Amarante que é de prumera nestes cusinhados, mas já u Ruldão que tamem sabe da poda le dá á vezes pra durmir cando istá a mixer a celada de modo cu azeite nan ce mistura bem i ela fica a saber a ele, isto é, desinchabitida. Infim, cumo a celada é fresca é provavle que se cirva toudo o vrão, i tamem porque tem os ceguintes inguerdientes que le dão munto bom çabor: 1.º—Us olofotes da Satanela; 2.º—U Amarante pescador de Cetuble; 3.º—U dito padêro; 4.º—U dito guarda fiscal; 5.º—U Tristão gago; 6.º—U Suares que teve munto boa idéa, seis Suares, na emitasão; 7.º—As aputioces du Salvador; 8.º—A endomataria du catedratico Castelo Branco...

I cum isto nan te infado mais lansando tamem mão da pena pra te dezer que nan te isquças de catar us noços piqueños pur coisa da tifo inzantematiko i pra te desijar a cuntinuassão da tua çau de i da dus noços bezerros. Si-



"Maestro" Artur Trindade

*E' professor eximio, ao que assegura
O festejado autor d'este desenho;
Celebra-lo, portanto, em foco eu venho
Por um sestro que em mim já não tem cura.*

*Em eu sabendo que uma criatura
Tem, n'este mundo, o que se diz engenho,
Tomo, a pena, o papel, não me contento
E desfaço-me em versos e em ternura.*

*De mais, quando frequenta o sustenido
Respeito de tal modo o cavalheiro
Que fico, a bem dizer, estarrecido,*

*Pois tenho por milagre verdadeiro
—Tal é a perfeição do meu ouvido—
Distinguir os ferrinhos do pandeiro...*

BELMIRO.

dades a quem pur mim préngontar ca minha pra cumtigo çó á vista trá fim, d'este ca vida te deseja amái.

Jerolmo.
Emprezario du Pauliteamas
de Peras Ruiças.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Pão que o diabo amassou, por Oldemiro Cesar. — A proposito d'este livro publicámos n'um dos ultimos numeros do «Seculo Comico» o retrato do autor, *Em foco*, com o competente soneto. As palavras do soneto referiam-se precisamente ao *Pão que o diabo amassou*, e que seria trigo sem joio se fosse como a prosa de Oldemiro Cesar.

Que vergonha, por Sousa Costa. — Não é vergonha nenhuma, antes é uma graciosa comedia n'um ato que o autor fez representar ha dias no Ginasio com geral aplauso. O que será vergonha é Sousa Costa ficar por aqui e não nos dar obra de mais folego. Esperemos.

Seis mezes de notas e comentarios em «O Seculo», por João Verdades. — O titulo é um nadinha comprido, mas o livro é infelizmente pequeno para os desejos do leitor, que lê aquellas duzentas paginas d'um folego, comancia de continuar. Cada nota é uma lição e cada comentario é uma critica justa, em estilo amenissimo de bom conversador, sempre agradável de ler.

Para nós o livro que temos presente só não é inutil porque foi amabilissima oferta do autor e porque tem na capa o seu retrato sorridente, que muito nos apraz conservar como o do mais simpatico dos amigos; e isso dizemos, ainda que pareça má criação, porque guardamos cuidadosamente todos os numeros do *Seculo* em que veem publicadas as notas e comentarios de *João Verdades*...

Isto, versos de Antonio Maria de Oliveira. — Diz, no prefacio a *Isto*, o sr. Aurelio da Costa Ferreira: «Os versos que me pedem para apresentar revelam um espirito de uma safetividade simples, de uma emotivadaade sã, de um impressionismo espontaneo, natural».

Somos da mesma opinião.

BASTIDORES

Festas de autores teatrais. — Parece que por lei—ou, pelo menos por praxe—o produto da 15.ª representação de qualquer peça original portuguesa é para o autor. Acontece, porém, que não é raro anunciar para recita de autor a 10.ª, quando não a 5.ª ou a 4.ª, como ainda ha dias aconteceu com uma peça de tanto exito que até chegou á 6.ª

Ora então, não seria melhor que a «festa» do autor fosse logo na 1.ª recita, porque pode acontecer que a peça não chegue á 2.ª? Introduzam os reformadores esta medida no codigo teatral, que estão redigindo e serão benemeritos, alguns para comsigo proprio.

Misterio. — Até á hora presente ainda não vimos na imprensa a razão de terem sido suspensos os ensaios no Teatro Nacional, da peça *Abel e Cain*, do sr. Afonso Gaio. Dá-se, porém, como provavel que a peça fosse de tal intensidade que mesmo antes de subir á cena o Cain tivesse assassinado o Abel, faltando assim umas personagens e não se podendo substituir porque na cena portuguesa os Abeis são em pequenissimo numero enquanto que os Cains são abundantissimos.

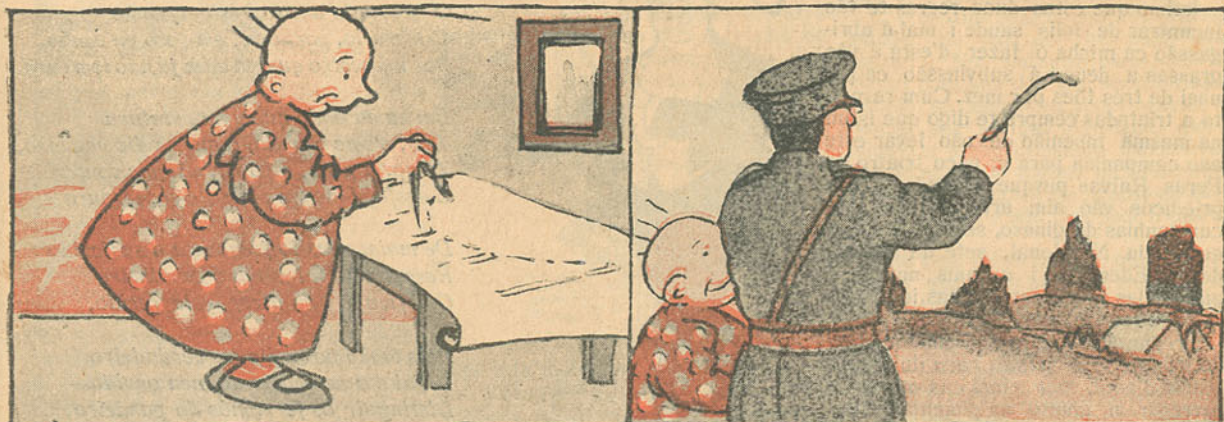
Será isso?

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

24.^a Parte1.^o Episodio

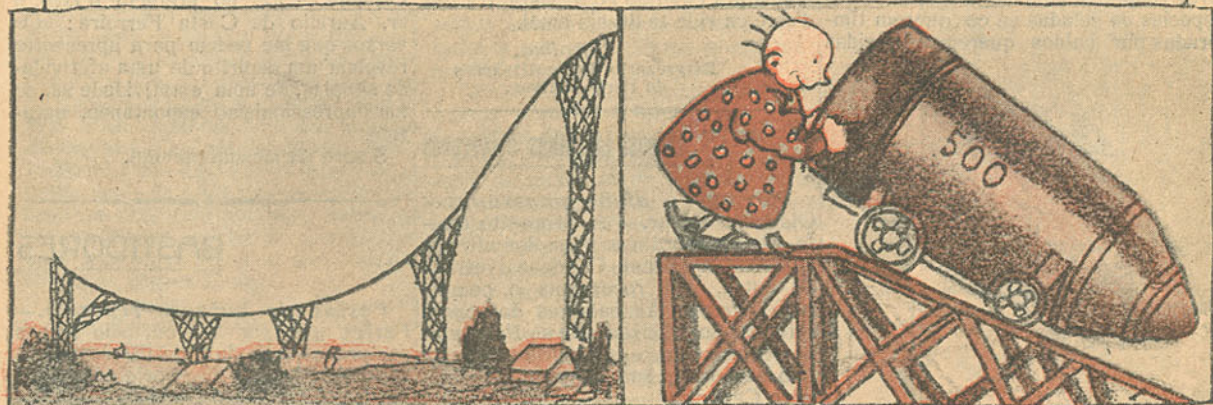
O MATA-CANHÕES

(Continuação)



1.—Manecas, encarregado de destruir um dos canhões monstros que bombardeiam Paris, pede um compasso... de espera.

2.—Um oficial aponta-lhe a posição do dito monstro e logo Manecas tem uma ideia superior á do governo quando comprou as ações dos Caminhos de Ferro.



3.—A trinta quilometros de distancia do canhão constroo um aparelho graciosamente ondulado.

4.—Em seguida larga por ali adiante uma elegantissima granada, que, descrevendo um formoso *looping loop*,



5.—vae explodir terrivelmente sobre o canhão, reduzindo-o pó impalpavel e assaz insipido.

6.—Os officiaes alemães recolhem pedaços da granada e ficam admirados: o Manecas, além do mais, tinha inventado um novo metal!

(Continua).